

O Nordeste é uma questão nacional em muitos sentidos e de diferentes formas. Primeiro foi produzido ao longo de nossa história econômica e política: não foi o clima que produziu o Nordeste como problema, mas os senhores donos da terra, homens concretos, de carne e osso, no chão e não nas nuvens. Nenhuma fatalidade obrigou o Nordeste a trabalhar a cana de açúcar sob regime escravo, a plantar o algodão explorando o trabalho das mulheres e das crianças nas grandes propriedades, a criar gado em lugar de gente nos imensos latifúndios: foram os senhores donos da terra que para cá vieram e cá ficaram. O fato de não chover não produz miséria, assim como o fato de chover não produz riqueza automaticamente. Quem produz miséria e riqueza são os homens concretos e, principalmente, as relações que os homens estabelecem entre si.

O Nordeste é uma região onde se concentrou muita riqueza — e de tal forma que acabou produzindo muita pobreza e muita miséria. Para concentrar estas riquezas a terra foi monopolizada por algumas famílias, enquanto milhões de nordestinos ficaram sem onde trabalhar: assim se produziu a migração. Antes que o sol queimasse as costas dos retirantes, queimou-os o fogo da concentração da terra. Concentrou também muito poder para produzir milhões de deserdados dos bens e dos poderes deste mundo, que lutam e se organizam no mundo dos sindicatos, das comunidades de base e da economia submersa.

Quando a industrialização (capitalista) virou moda, chegou ao Nordeste sob a forma de estímulos, subsídios e projetos importados do Norte do mundo e do Sul do Brasil. Chegou sob a alegação de que iria desenvolver o Nordeste e criar empregos para os nordestinos. Desenvolveu as empresas que operam no Nordeste e criou o mínimo de empregos que as empresas modernas são capazes de criar, deixando no subemprego os milhões que nunca terão em mão carteiras assinadas por empresas industriais...

A industrialização do Nordeste virou uma espécie de latifúndio tecnológico moderno concentrado em mãos de uma minoria. Nem gerou os empregos que prometia, nem difundiu o desenvolvimento na região, nem tocou na estrutura agrária que produz migrantes que buscam emprego a qualquer preço e em qualquer lugar. À concentração fundiária somou-se a concentração financeira e industrial: o autoritarismo da região apenas modernizou-se. Mudam os atores, peça continua a mesma.

Quando a temperatura social e política aumenta, quando os milhões de migrantes e flagelados começam a mover-se em direção às cidades e aos supermercados... a classe dominante local grita aos sócios do Sul: "O Nordeste também é Brasil, o Nordeste é uma questão nacional, não podemos ser irmãos separados, nem pode haver Brasil desenvolvido com Nordeste miserável". No Sul os donos do poder também entoam o mesmo canto e criam frentes de emergência (uma espécie de trabalho ou sopa dos pobres), distribuem verbas entre os senhores das terras para construir barragens ou ampliar açudes em benefício de si mesmos, aumentam os subsídios das empresas, imaginam a industrialização das nuvens e a domesticação

os flagelados, migrados os desempregados e deserdados, o silêncio de novo se impõe e os donos da terra e das empresas voltam às suas casas. O Nordeste continuou brasileiro apesar de sacrificar milhões de brasileiros, até a próxima ameaça de explosão social.

Quando a discussão sobre o Nordeste, a seca, a miséria se estabelece, as teses voltam ao cenário dos debates, seminários e encontros. E voltamos a dizer que a seca não é só problema da natureza. Que é um problema da estrutura fundiária. Que falta terra e que sobram latifúndios. Que não existem soluções puramente técnicas. Que só uma reforma agrária resolveria o problema e que o Brasil pode acordar um dia diante de uma grande convulsão social.

As verdades, no caso, parece que são poucas e boas: o Nordeste está hoje no Brasil inteiro, é o Brasil que sobrou aos brasileiros. É uma criação da classe dominante brasileira, em cumplicidade com os donos das terras do mundo inteiro e só terá solução através de profundas transformações na estrutura econômica, social e, principalmente, política do país.

Séculos de exclusão, monopolização e autoritarismo produziram o Nordeste como questão nacional. Só através da organização e mobilização dos deserdados, dos nordestinos do Norte e do Sul, poderemos desproduzir o Nordeste como problema. A democracia produzirá um outro Brasil e um novo Nordeste.

Herbert de Souza
IBASE

1. Filmado nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1984 no Nordeste, "A TERRA QUEIMA" é uma produção da Saruê Filmes para a Sociedade Rádio Canadá no quadro de um programa de 10 filmes patrocinados pela ONU (Organização das Nações Unidas). Desse programa participaram 10 realizadores de países representantes do Sul (Malásia, Antigua, Sri Lanka, Índia, Nepal, Bangladesh, Senegal, Tunísia, Equador, Brasil) e canais de televisão representantes do Norte (Suécia, Japão, Finlândia, República Federal Alemã, Itália, França, Nova Zelândia, Austrália). Após sua divulgação nesses países pelos canais de televisão que participaram da produção do programa, "A TERRA QUEIMA" será distribuído nos demais países pela ONU.
2. Eu gostaria que este filme recolocasse a discussão do didático junto a todos aqueles que estão buscando pelos meios audiovisuais as formas de politização da consciência. Que o novo didático, anos 80, está forçado a (ultra) passar pela antropologia, pela ideologia, a constituir uma dramaturgia, e daí talvez forjar uma nova épica.
A prima matéria virgem do documentário na América Latina é constituída de indignação e revolta.

Gerardo Saruê